

CORTIÇA



ÍNDICE

	pág.
7. CORTIÇA	119
7.1. Importância Económica do Sector no Contexto Internacional – Breve caracterização e Principais Tendências	119
7.2. Comércio Internacional	121
7.3. Importância Económica do Sector no País e na Região	125
7.3.1. Dimensão Económica	126
7.3.2. <i>Qualificações dos Recursos Humanos</i>	128
7.4. Caracterização, Diagnóstico e Perspectivas de Evolução do Sector no Alentejo	129
7.4.1. <i>Caracterização e desafios do Sector</i>	129
7.4.2. <i>Perspectivas regionais de evolução do sector</i>	131
7.5. Análise das Relações Intersectoriais numa Óptica de Cadeia de Valor	132
7.6. A Inovação no Sector: infraestruturas de suporte e identificação de necessidades competitivas	141
7.7. Análise SWOT do Sector: Sistematização da situação actual e configuração dos principais desafios	144

ÍNDICE DE QUADROS

	pág.
Quadro 7-1: Distribuição mundial da área do sobreiro e da produção de cortiça	119
Quadro 7-2: Estrutura das importações portuguesas do sector da cortiça por produtos	123
Quadro 7-3: Estrutura das exportações portuguesas do sector da cortiça por produtos	123
Quadro 7-4: Produto Bruto Florestal do Alentejo em 2000	127
Quadro 7-5: O Peso da Cortiça nas NUTS III do Alentejo (% emprego do Sector)	127
Quadro 7-6: Estrutura de habilitações na região do Alentejo e no país	128
Quadro 7-7: Estrutura de qualificações na região do Alentejo e no país	129
Quadro 7-8: Trabalhadores e Estabelecimentos do sector da transformação da cortiça na região do Alentejo	131
Quadro 7-9: Sectores Fornecedores e Sectores Clientes da Produção da Cortiça	134
Quadro 7-10: O Peso dos Produtos a Montante e dos Ramos a Jusante da Produção da Cortiça (% do emprego do sector)	136
Quadro 7-11: Sectores Fornecedores e Sectores Clientes da Transformação da Cortiça	138
Quadro 7-12: O Peso dos Produtos a Montante e dos Ramos a Jusante da Transformação da Cortiça (% emprego do sector)	140

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 7-1: Estrutura das importações portuguesas do sector da cortiça por países de origem	121
Gráfico 7-2: Estrutura das exportações portuguesas do sector da cortiça por países de destino	122
Gráfico 7-3: Taxa de cobertura do sector da cortiça no país e na região do Alentejo	124
Gráfico 7-4: Importância relativa da estrutura exportadora e importadora da cortiça na região do Alentejo	125

7. CORTIÇA

7.1. Importância Económica do Sector no Contexto Internacional - Breve caracterização e Principais Tendências

A cortiça, matéria-prima em que assenta um importante sector de actividade económica, que, para além da produção primária a nível da exploração florestal do sobreiro, integra uma complexa e diversificada actividade industrial de preparação e transformação, e uma intensa actividade comercial, é um produto oriundo de uma região restrita, localizada em torno do Mediterrâneo ocidental.

A nível mundial, o sobreiro concentra-se efectivamente na região mediterrânea com influência atlântica, do Sul da Europa e do Norte de África, ocupando uma área total próxima dos 2,2 milhões de hectares, dos quais cerca de um terço se situa em Portugal. Seguem-se-lhe a Espanha com 23%, a Argélia com 21% e a Itália com 10%. Os restantes 13% da área distribuem-se por Marrocos (9%), Tunísia (3%) e França (1%).

Portugal, primeiro produtor, transformador e exportador mundial, é responsável por mais de metade da produção total de cortiça, seguido pela Espanha com 26% e pelos países do Norte de África, Argélia, Marrocos e Tunísia, e pela França e Itália.

QUADRO 7-1 :

Distribuição mundial da área do sobreiro e da produção de cortiça

País	Área de sobreiro [% do total]	Produção de cortiça [% do total]
Portugal	33	55
Espanha	23	26
França	1	1
Itália	10	6
Argélia	21	4
Marrocos	9	5
Tunísia	3	3

Fonte: APCOR.

Após um processo de deslocalização, consumado já na segunda metade do século XX, dos países como o Reino Unido, a Alemanha, os Estados Unidos da América, a Suíça e outros que primeiro começaram a transformar a cortiça, a indústria corticeira concentra-se hoje na Península Ibérica, onde se transforma

cerca de 75% da produção mundial. Os outros países produtores de matéria-prima – França, Itália e países do Norte de África – estima-se que transformarão cerca de 10% da produção mundial, enquanto a pequena indústria dos países não produtores de cortiça – países do Leste europeu, Alemanha, Suíça, Reino Unido, Estados Unidos da América, América Latina, Japão e Índia – será ainda responsável por 15% do total mundial.

O intenso comércio internacional de cortiça à escala mundial é hoje dominado pela rolha de cortiça natural, exportada a partir dos países ibéricos, com Portugal como primeiro exportador mundial, e dos países do Norte de África. Entre os principais importadores de produtos transformados encontram-se, seguidos de muitos outros, a França, a Alemanha, os Estados Unidos da América, a Austrália, o Reino Unido, a Itália e o Japão. Note-se que, antes da deslocação da indústria corticeira para os países produtores de matéria-prima do Mediterrâneo, alguns daqueles países foram os principais impulsionadores do comércio de cortiça, que então se fazia em prancha natural para alimentar a sua indústria.

Recentemente, diversos factores têm contribuído para mudanças importantes no sector, especialmente desde o final da década de 90. Estas alterações têm vindo a ser induzidas por aspectos relacionados com o contexto competitivo internacional, que no essencial se prendem com: (i) o crescimento da produção e da comercialização de vinhos nos mercados internacionais, nomeadamente, pela conquista de quotas de mercado por parte de países como o Chile, Argentina, EUA, Austrália e África do Sul; e com (ii) a afirmação de uma postura civilizacional e ética relacionada com a crescente importância atribuída pelos consumidores aos aspectos ecológicos, à biodiversidade e sustentabilidade ambiental associada à produção e transformação da cortiça.

Em sentido oposto, tem-se registado o acréscimo de concorrência de produtos substitutos, feitos a partir de materiais sintéticos, impulsionado pelas dúvidas relacionadas com as características funcionais das rolhas de cortiça e pela dificuldade de assegurar, a preços competitivos, o abastecimento dos mercados internacionais.

Atenta a esta ameaça dos produtos concorrentes, designadamente o plástico e o alumínio, que têm vindo a conquistar uma quota crescente no mercado mundial de vedantes, a indústria corticeira tem feito um enorme esforço de afirmação dos seus produtos, e em particular da rolha natural de cortiça, de que continua largamente dependente. Ainda que o sector apresente uma grande heterogeneidade a nível empresarial, a indústria da cortiça possui hoje unidades de grande dimensão e dinamismo, aptas a produzir produtos de qualidade certificada, respeitando o Código Internacional das Práticas Rolheiras, e a diversificar as aplicações da cortiça e a oferta a nível mundial. Aliás, a adopção e implementação daquele Código de Boas Práticas, assim como o lançamento, a nível mundial, de um símbolo comercial internacional identificador dos produtos da cortiça, promovido no âmbito da FAO/Silva Mediterrânea Cork Oak Network, e gerido pela CE Liège – Confédération Européenne du Liège, são sinais dessa capacidade de reacção da fileira da cortiça às alterações do contexto internacional.

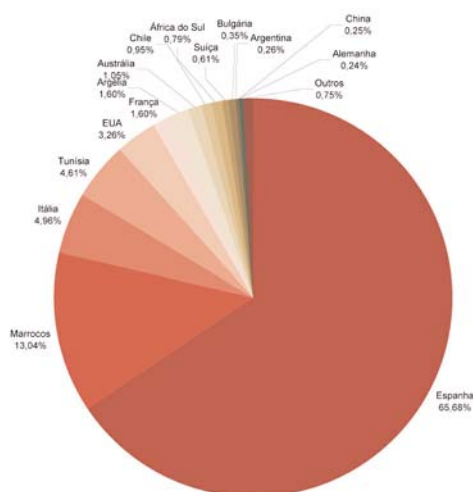
7.2. Comércio Internacional

A estrutura de relações de comércio internacional de Portugal, no sector da cortiça, revela um acentuado grau de concentração geográfica ao nível dos fluxos de importação do sector, uma vez que concede uma importância esmagadora ao mercado espanhol enquanto principal país de origem das importações do sector. Não obstante o facto da Espanha ser o principal mercado polarizador dos fluxos de importação de Portugal, a sua importância enquanto mercado de origem das importações nacionais do sector da cortiça (65,7%) supera consideravelmente o seu peso enquanto mercado de origem da generalidade dos fluxos de importação nacionais – a Espanha é responsável por cerca de 26% da totalidade das importações nacionais.

Na rede de relações de comércio internacional do sector assumem, também, pesos consideráveis nas importações nacionais: Marrocos (responsável por cerca de 13% das importações nacionais do sector), a Itália (5%) e a Tunísia (4,6%) – ver Gráfico 7-1.

GRÁFICO 7-1:

Estrutura das importações portuguesas do sector da cortiça por países de origem



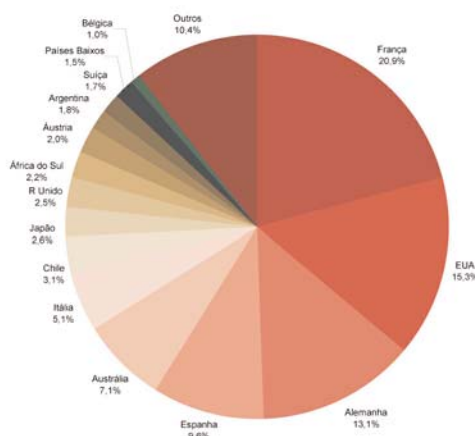
Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas de Comércio Internacional, INE, 2000.

No que concerne à estrutura exportadora nacional no sector da cortiça constata-se que por um lado, o grau de concentração geográfica das exportações por países de destino é menos acentuado que o correspondente à estrutura importadora do sector por mercados de origem e por outro lado, que a importância do mercado espanhol enquanto parceiro comercial no sector é bem mais diminuta.

Deste modo, os principais mercados de exportação nacional do sector da cortiça são a França (que absorve cerca de 20,9% das exportações nacionais do sector), os EUA (15,3%), a Alemanha (13,1%), a Espanha (9,6%), a Austrália (7,1%), a Itália (5,1%) e o Chile (3,1%) que se caracterizam todos por serem grandes produtores mundiais de vinho% (ver Gráfico 7-2). Assim sendo, a rede de relações exportadoras do sector da cortiça apresenta um grau de diversificação considerável, não revelando um elevado grau de dependência geográfica de um só mercado de destino, e não confinando o agregado de principais parceiros comerciais apenas a países que apresentem uma grande proximidade geográfica e cultural.

GRÁFICO 7-2 :

Estrutura das exportações portuguesas do sector da cortiça por países de destino



Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas de Comércio Internacional, INE, 2000.

Colocando o foco da análise na estrutura das importações e exportações portuguesas do sector da cortiça por produtos verifica-se que os fluxos de importação do sector dizem maioritariamente respeito a cortiça natural, em bruto ou simplesmente preparada, a desperdícios de cortiça e a cortiça triturada, granulada ou pulverizada (respondem por cerca de 64,7% das importações nacionais do sector) enquanto os fluxos de exportação nacionais do sector se concentram maioritariamente em obras de cortiça natural (responsáveis por cerca de 57,7% das exportações nacionais do sector) – ver Quadro 7-2 e Quadro 7-3, ou seja, do ponto de vista do comércio internacional o sector importa principalmente matéria-prima e exporta produto transformado.

QUADRO 7-2 :

Estrutura das importações portuguesas do sector da cortiça por produtos

Produtos	(em %)
Cortiça natural, em bruto ou simplesmente preparada; desperdícios de cortiça; cortiça triturada, granulada ou pulverizada	64,7
Obras de cortiça natural	20,7
Cortiça natural, sem a crosta ou simplesmente esquadriada, ou em cubos, chapas, folhas ou tiras, de forma quadrada ou rectangular (incluídos os esboços com arestas vivas, para rolhas)	9,4
Cortiça aglomerada (com ou sem aglutinantes) e suas obras	5,3

Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas de Comércio Internacional, INE, 2000.

QUADRO 7-3 :

Estrutura das exportações portuguesas do sector da cortiça por produtos

Produtos	(em %)
Obras de cortiça natural	57,7
Cortiça aglomerada (com ou sem aglutinantes) e suas obras	34,9
Cortiça natural, em bruto ou simplesmente preparada; desperdícios de cortiça; cortiça triturada, granulada ou pulverizada	6,4
Cortiça natural, sem a crosta ou simplesmente esquadriada, ou em cubos, chapas, folhas ou tiras, de forma quadrada ou rectangular (incluídos os esboços com arestas vivas, para rolhas)	0,9

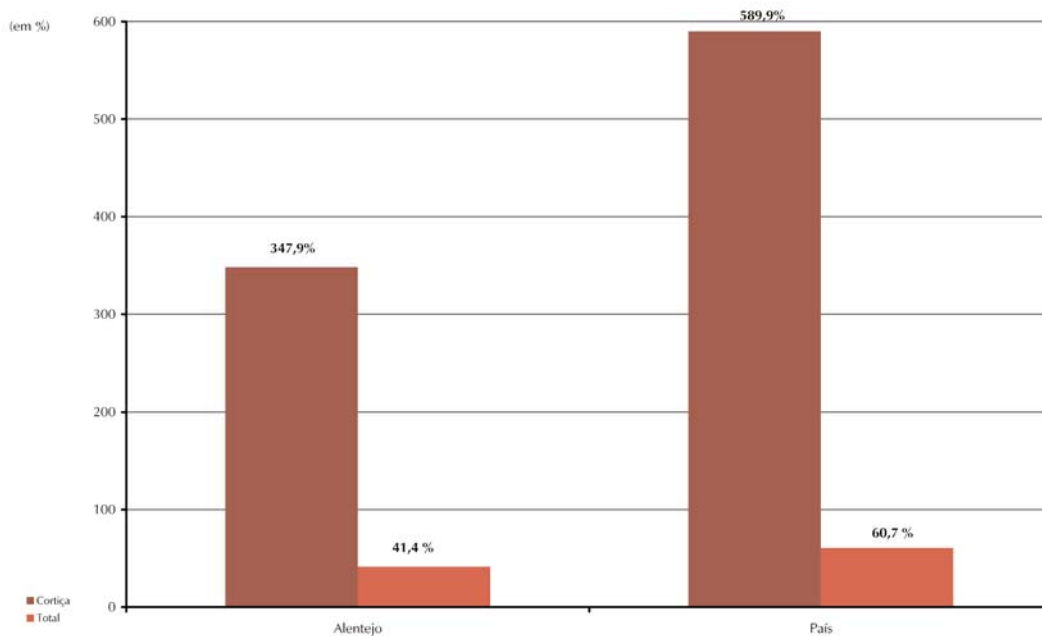
Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas de Comércio Internacional, INE, 2000.

Com vista a analisar o posicionamento excedentário vs. deficitário do sector da cortiça na estrutura de comércio internacional quer de Portugal, quer da região do Alentejo é possível recorrer à análise do indicador taxa de cobertura das exportações pelas importações. O sector da cortiça apresenta uma taxa de cobertura no comércio internacional positiva, cobrindo as exportações percentagens bastantes significativas das importações realizadas no sector, quer ao nível nacional (taxa de cobertura de 589,9%), quer na região do Alentejo (taxa de cobertura de 347,9%) – ver Gráfico 7-3.

Deste modo, o sector da cortiça assume-se como um sector exportador líquido, contrastando a forte posição excedentária evidenciada pela região do Alentejo e pelo espaço nacional no comércio internacional do sector, com as posições deficitárias no comércio internacional global da região e do espaço nacional.

GRÁFICO 7-3 :

Taxa de cobertura do sector da cortiça no país e na região do Alentejo



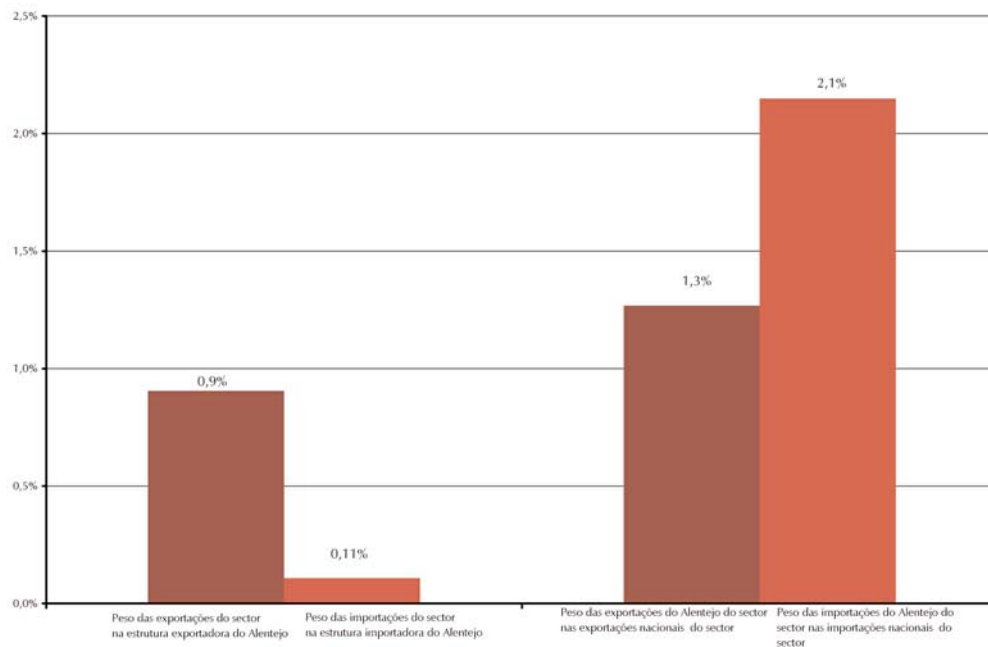
Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas de Comércio Internacional, INE, 2000.

No que concerne à importância relativa da estrutura exportadora e importadora do sector da cortiça, na região do Alentejo, constata-se que o sector é responsável por cerca de 0,9% do total da estrutura exportadora da região e por cerca de 0,11% da respectiva estrutura importadora.

Relativamente à posição do sector da cortiça na região do Alentejo, no contexto das relações de comércio internacional do espaço nacional, verifica-se que as exportações regionais do sector representam cerca de 1,3% do total de exportações nacionais no sector (ficando aquém do peso total da região na estrutura exportadora nacional, cerca de 4,9%) e as importações regionais do sector respondem por cerca de 2,1% do total de importações nacionais do sector (ficando, também, aquém do peso do total da região na estrutura importadora nacional, cerca de 7,1%).

GRÁFICO 7-4:

Importância relativa da estrutura exportadora e importadora da cortiça na região do Alentejo



Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas de Comércio Internacional, INE, 2000

7.3. Importância Económica do Sector no País e na Região

A importância Económica do Sector da Cortiça no País e na Região torna-se evidente pelo seu significativo contributo para o produto, para o emprego e para o equilíbrio das contas externas. Contudo, outros factores conferem a este sector, a nível florestal como da indústria, um papel singular e de âmbito mais alargado.

Assente na exploração de uma matéria prima natural e renovável de características únicas, de que Portugal é o maior produtor mundial, e associada a um ecossistema multifuncional e ambientalmente sustentável que ocupa uma parte significativa da área florestal do País, a fileira da cortiça assume uma importância estratégica no quadro económico-social e do ordenamento do território nacional e sobretudo regional.

7.3.1. *Dimensão Económica*

Segundo dados do Inventário Florestal Nacional de 1995 (3ª revisão, 1997), o sobreiro ocupa uma área de 713 mil hectares, sendo a segunda espécie florestal em área ocupada no nosso país, logo após o pinheiro bravo. Com uma taxa de ocupação de cerca de 22% da área florestal do Continente, os povoamentos de sobreiro predominam a Sul do país, distribuídos essencialmente pelos distritos de Setúbal, Évora, Beja, Portalegre e Santarém, concentrando-se no Alentejo 68% da área total de povoamentos com esta espécie.

É de registar a este propósito, o impulso no crescimento e beneficiação das áreas de montado de sobreiro em Portugal a partir de 1987, em resultado dos sucessivos programas de fomento florestal com co-financiamento comunitário. De entre estes é de realçar o Reg. 2080/92 que tem sido canalizado maioritariamente para arborizações com esta espécie, ainda que a taxa de mortalidade nestas arborizações seja relativamente elevada.

A importância do sector corticeiro a nível do seu contributo para o PIB ronda o meio ponto percentual, representando cerca de 16% do VAB total do sector florestal. Mais especificamente, a extracção de cortiça representa aproximadamente 18% do VAB da silvicultura, enquanto que a sua transformação representa cerca de 15% do VAB das indústrias florestais.

Quanto ao emprego, estima-se que o sector da cortiça, na produção florestal e na transformação industrial, represente mais de 10% do emprego de toda a fileira florestal, responsável por 5% do emprego no país. Só nas actividades directamente relacionadas com os montados, estimam-se em mais de 15 mil o número de postos de trabalho, entre empregos permanentes e sazonais.

Quanto ao número de estabelecimentos da indústria da cortiça, num total de 844 existentes em 2000, 95% são fábricas transformadoras, sendo as restantes unidades fabris preparadoras de pequena dimensão. Nos últimos anos assistiu-se a um aumento do número de fábricas do subsector transformador e a uma redução do número de unidades da indústria de preparação da cortiça.

No Alentejo, o sobreiro é a espécie florestal dominante, atingindo 86,9% do Produto Bruto Florestal total da região.

QUADRO 7-4 :

Produto Bruto Florestal do Alentejo em 2000

Espécies	Área total dos povoamentos	PBF /ha	PFB total	
	(puros e mistos) ha	(euros)	(mil euros)	(%)
Sobreiro	560.504	768	430.550	86,9
Pinheiro bravo	72.599	126	9.178	1,9
Pinheiro manso	76.200	239	18.244	3,7
Azinhaira	450.499	37	16.741	3,4
Eucalipto	133.095	135	17.917	3,6
Castanheiro	402	605	243	0,0
Outras	18.826	129	2.424	0,5
TOTAL	1.312.125	377	495.296	100,0

Fonte: Mendes, A. (2002) *A Economia do Sector da Cortiça em Portugal*, Universidade Católica Portuguesa, Porto.

Não obstante a importância da cortiça portuguesa ao nível da produção e do comércio mundial, verifica-se que este sector apresenta um peso no emprego do País e da região relativamente diminuto (ver Quadro 7-5), não registando em nenhuma das sub-regiões uma expressividade suficientemente elevada que lhe permita ser classificado como actividade de relevância nacional ao nível do emprego. Deste modo, apesar do sector da cortiça se assumir como uma actividade de especialização da região do Alentejo, o seu contributo para o emprego sectorial nacional é pouco expressivo. Adicionalmente, verifica-se que, exceptuando a região do Alto Alentejo, a actividade de exploração florestal emprega mais pessoas do que a actividade associada à transformação da cortiça.

QUADRO 7-5 :

O Peso da Cortiça nas NUTS III do Alentejo (% emprego do Sector)

Cortiça		Alentejo Litoral		Alto Alentejo		Alentejo Central		Baixo Alentejo	
CAE 5d	Designação	Peso na Região	Peso no País	Peso na Região	Peso no País	Peso na Região	Peso no País	Peso na Região	Peso no País
02012	Exploração Florestal	0,59%	0,00%	0,69%	0,01%	0,21%	0,00%	0,14%	0,00%
Total Produção de Cortiça		0,59%	0,00%	0,69%	0,01%	0,21%	0,00%	0,14%	0,00%
20522	Indústria da Cortiça	0,43%	0,00%	1,18%	0,01%	0,76%	0,01%	0,00%	0,00%
Total Transformação de Cortiça		0,43%	0,00%	1,18%	0,01%	0,76%	0,01%	0,00%	0,00%
Total Cortiça		1,02%	0,01%	1,87%	0,02%	0,97%	0,01%	0,14%	0,00%

Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base em dados dos Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho, 2001

7.3.2. Qualificações dos Recursos Humanos

Em termos da qualificação dos Recursos Humanos, constata-se que o sector da cortiça acompanha a tendência para a baixa qualificação que caracteriza os recursos da região, predominando a formação até ao ensino preparatório ou inferior. No total, este grupo corresponde a 64%, a nível regional, e a 82,1% para o sector da cortiça, o que revela um acentuar desta tendência neste sector, confirmada pela pequena percentagem com ensino secundário e superior, que apenas perfazem 9,3% para o sector na região do Alentejo, não diferindo muito, neste aspecto, da realidade do sector a nível nacional (em que as pessoas com níveis de habilitação superiores ao 12º ano representam 10,8%).

QUADRO 7 – 6 :

Estrutura de habilitações na região do Alentejo e no país

Estrutura média total ¹ de habilitações	Região do Alentejo	País
Não sabe ler nem escrever	4,1%	2,0%
1º Ciclo Ensino Básico (4ª classe)	39,9%	33,7%
2º Ciclo Ensino Básico (Ens. Preparatório)	20,0%	22,5%
3º Ciclo Ensino Básico (9º ano unificado)	16,4%	17,0%
Ensino Secundário (12º ano ou equivalente)	14,8%	17,0%
Ensino Superior	4,8%	7,9%
Sector da cortiça	Região do Alentejo	País
Não sabe ler nem escrever	4,0%	3,9%
1º Ciclo Ensino Básico (4ª classe)	54,5%	49,4%
2º Ciclo Ensino Básico (Ens. Preparatório)	23,6%	26,3%
3º Ciclo Ensino Básico (9º ano unificado)	8,6%	9,6%
Ensino Secundário (12º ano ou equivalente)	6,1%	6,9%
Ensino Superior	3,2%	3,9%

Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas dos Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho, 2000

Analisando a estrutura de qualificações do sector da cortiça verifica-se que as empresas da região apresentam um peso dos quadros médios e superiores (9,1%) relativamente semelhante ao registado na globalidade do sector (9,9%). Notando-se contudo maiores diferenças ao nível do peso dos profissionais qualificados e altamente qualificados que correspondem a 23,7% no Alentejo e a 27,9% no País e, por contrapartida, o peso dos profissionais não qualificados e semiquilificados é superior no Alentejo.

¹ Estrutura de habilitações calculada para a totalidade da estrutura produtiva.

QUADRO 7-7 :

Estrutura de qualificações na região do Alentejo e no país

Estrutura média total ² de habilitações	Região do Alentejo	País
Quadros Médios e Superiores	13,6%	15,4%
Profissionais qualificados e altamente qualificados	40,7%	46,5%
Profissionais não qualificados e semiquilificados	37,1%	27,6%
Encarregados, contramestres, mestres e chefes de equipa	3,4%	3,5%
Praticantes e Aprendizes	5,2%	7,0%
Sector da Cortiça	Região do Alentejo	País
Quadros Médios e Superiores	9,1%	9,9%
Profissionais qualificados e altamente qualificados	23,7%	27,9%
Profissionais não qualificados e semiquilificados	62,3%	56,2%
Encarregados, contramestres, mestres e chefes de equipa	3,2%	4,9%
Praticantes e Aprendizes	1,7%	1,1%

Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas dos Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho, 2000

De uma forma geral, conclui-se que o sector da cortiça apresenta uma baixa qualificação dos recursos humanos quando comparada com a estrutura de qualificações média da região e do País.

7.4. Caracterização, Diagnóstico e Perspectivas de Evolução do Sector no Alentejo

7.4.1. Caracterização e desafios do Sector

Ao longo dos últimos anos o sector da cortiça tem assistido a mudanças significativas (contrariando o imobilismo que o caracterizou durante décadas), nomeadamente no tecido industrial, que estão a alterar a face desta importante actividade económico.

Com efeito, ao nível da produção suberícola, era de destacar, entre outros aspectos:

- ▶ o envelhecimento dos povoamentos de sobreiro e a falta de uma política de renovação dos montados;
- ▶ a sobreexploração dos recursos produtivos e a gestão e uso de práticas silvícolas incorrectas;

² Estrutura de qualificações calculada para a totalidade da estrutura produtiva.

- ▶ a insuficiente formação profissional;
- ▶ a insuficiente investigação suberícola;
- ▶ a insuficiente organização (comercialização) e associativismo.

A nível da indústria da cortiça, a situação caracterizava-se, em síntese, pelos seguintes aspectos:

- ▶ um dimensionamento inadequado das unidades industriais, principalmente preparadoras e rolheiras;
- ▶ uma localização da indústria transformadora longe da produção da matéria-prima, com elevados custos de transporte da matéria-prima e produtos intermédios;
- ▶ um fraco nível tecnológico dos processos produtivos;
- ▶ a ausência de responsabilidade empresarial ao nível dos impactes ambientais;
- ▶ condições de segurança laboral deficientes;
- ▶ a falta de controlo de qualidade e de normalização dos produtos;
- ▶ a insuficiente investigação e inovação tecnológica;
- ▶ a reduzida inovação a nível dos produtos.

Desta caracterização é de realçar a localização geográfica das unidades industriais, que nos anos 80 era maioritariamente no concelho de Vila da Feira e limítrofes, que concentrava 62% do total, correspondendo 22% ao distrito de Setúbal e apenas 5% ao distrito de Évora. Durante a década de 90, a par das importantes mudanças ocorridas, assistiu-se à criação de novas unidades fabris, com introdução de novas tecnologias, e à deslocalização da transformação da cortiça para as suas áreas de produção, com a concentração industrial nestas zonas, especialmente na zona suberícola do Alentejo.

Actualmente, a indústria transformadora da cortiça emprega na região do Alentejo 6% dos trabalhadores e acolhe, também, 6% de estabelecimentos das empresas do sector a nível nacional. A deslocalização da indústria fez-se essencialmente para o Alto Alentejo e Alentejo Central, onde se localizam quase 70% do número de estabelecimentos e perto de 80% do emprego do sector na região. O sector tem ainda alguma expressão no Alentejo Litoral, onde se situam 31,5% do número de estabelecimentos, responsáveis por 11,6% do emprego.

QUADRO 7-8 :

Trabalhadores e Estabelecimentos do sector da transformação da cortiça na região do Alentejo

	Alentejo Litoral	Alto Alentejo	Alentejo Central	Baixo Alentejo	Peso da região do Alentejo no país
Trabalhadores	11,6%	52,8%	34,8%	0,8%	6,3%
Estabelecimentos	31,5%	16,7%	50,0%	1,9%	6,4%

Fonte: Elaborado pela equipa de projecto, com base nas Estatísticas dos Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho, 2000

Recentemente, porém, diversos factores têm contribuído para mudanças importantes no sector, especialmente desde o final da década de 90. Estas alterações têm vindo a ser induzidas por aspectos relacionados com o contexto competitivo internacional, que no essencial se prendem com: (i) o crescimento da produção e da comercialização de vinhos nos mercados internacionais, nomeadamente, pela conquista de quotas de mercado por parte de países como o Chile, Argentina, EUA, Austrália e África do Sul; e com (ii) a afirmação de uma postura civilizacional e ética relacionada com a crescente importância atribuída pelos consumidores aos aspectos ecológicos, à biodiversidade e sustentabilidade ambiental associada à produção e transformação da cortiça.

Em sentido oposto, tem-se registado o acréscimo de concorrência de produtos substitutos, feitos a partir de materiais sintéticos, impulsionado pelas dúvidas relacionadas com as características funcionais das rolhas de cortiça e pela dificuldade de assegurar, a preços competitivos, o abastecimento dos mercados internacionais.

7.4.2. *Perspectivas regionais de evolução do sector*

Ao nível das alterações do contexto competitivo nacional na indústria da cortiça, destacam-se, pela sua importância: (i) a existência de sistemas de incentivos públicos nacionais e comunitários que têm possibilitado a modernização do sector quer ao nível da produção quer ao nível da transformação da cortiça; (ii) o reforço das competências técnicas das infraestruturas associativas de apoio à competitividade empresarial; (iii) a criação de novas unidades industriais que utilizam novas tecnologias, processos e técnicas de fabrico e acabamento de rolhas, a par da deslocalização e concentração das fábricas para as zonas de produção suberícola; (iv) a existência de fenómenos de concentração empresarial; (v) a diversificação das utilizações de cortiça em novas funcionalidades associadas a fins industriais, construção civil e ao uso doméstico (habitat), que tem possibilitado o aparecimento de novos segmentos de mercado.

Estas alterações a nível nacional, por força da deslocação para o Alentejo da indústria da cortiça que, como vimos, está em curso e tenderá a consolidar-se no futuro próximo, irão necessariamente repercutir-se nesta região, criando um potencial de desenvolvimento que permite perspectivar para o Alentejo a dinamização de competências nas inúmeras áreas de actividade relacionadas com a cortiça, desde a produção florestal suberícola à sua transformação e comercialização.

7.5. Análise das Relações Intersectoriais numa Óptica de Cadeia de Valor

A análise das relações intersectoriais para o sector tradicional da cortiça foi efectuada em duas fases distintas, com o objectivo de aumentar a profundidade analítica da cadeia de valor da cortiça, valorizando-se numa primeira fase uma vertente mais orientada para as actividades agrícolas associadas à exploração florestal do sobro (produção de cortiça), e numa segunda fase uma maior incorporação tecnológica (transformação de cortiça).

Desta forma, o estudo das relações de cadeia de valor que a Cortiça, na sua vertente de Produção (considerada, para efeito desta análise, como a globalidade do Ramo 2 - Silvicultura, exploração florestal e actividades dos serviços relacionados) revelam, a montante da sua actividade, com outros sectores (fornecedores), permite aferir a existência de uma intensidade relacional com classes de produtos respeitantes a matérias primas – 2325 (gasóleo combustível) 2322 (gasolina com chumbo) e 0112022 (plantas vivas; sementes de flores e frutos; sementes de produtos hortícolas) – as quais representam, aproximadamente, 26% das compras da produção de Cortiça. As duas primeiras – 2325 e 2322 – relacionam-se predominantemente com o funcionamento e operacionalização dos tractores e outras alfaias agrícolas, enquanto que a última – 0112022 – se prende com a própria plantação e renovação do montado de sobro.

Os fornecimentos intermédios representam, por seu turno, cerca de 23% das compras da Produção de Cortiça e incidem, sobretudo, sobre as seguintes classes de produtos: 2415 (adubos e compostos azotados) e 45 (trabalhos de construção), as quais se relacionam, no primeiro caso, com aspectos de fertilização do solo e, no segundo caso, com a construção de edifícios de apoio à actividade de cultivo suberícola e transformação de cortiça.

Em termos de fornecedores de equipamento (respondem por 15% das compras), verifica-se, que a Produção de Cortiça estabelece relações de compras, exclusivamente, com a CAE 2932 (outras máquinas para a agricultura, pecuária e silvicultura), as quais configuram e alimentam, por consequência, a relação que a Produção de Cortiça evidencia com a CAE 50012 (serviços de manutenção e reparação de veículos automóveis e de motociclos), uma actividade prestadora de serviços de comercialização, uma vez que ambas se encontram intimamente relacionadas ao constituírem, tão somente, fases diferentes do ciclo de vida dos equipamentos necessárias à actividade de produção suberícola.

Os serviços de suporte empresariais que fornecem inputs à actividade da Produção de Cortiça dizem, sobretudo, respeito à classe 748 (outros serviços prestados principalmente às empresas) e à classe 741 (serviços jurídicos, contabilísticos, de auditoria, de consultoria fiscal, de estudos de mercado) ambas associadas a aspectos administrativos e legais, transversais à actividade empresarial. Para além destes, surgem ainda, no conjunto de relações a montante da Produção da Cortiça, outros serviços de suporte empresarial como os serviços de telefone, de transmissão de dados e de mensagens (64201) - ligados quer à actividade diária do cultivo quer à gestão empresarial -, outros serviços de crédito (6522) – ligados a iniciativas de financiamento para aquisição de terrenos, máquinas e equipamentos -, e os serviços de restauração (553) – ligados à alimentação dos trabalhadores e quadros das empresas.

As relações de cadeia de valor da Produção de Cortiça permitem, por último, aquilatar uma intensidade relacional deste sector com a classes de serviços complementares, por exemplo com a CAE 6024 (serviços de transporte rodoviário de mercadorias em veículos especialmente adaptados), explicada pela necessidade de transportar, entre localidades, a cortiça apanhada, bem como com a CAE 6022 (serviços de transporte ocasional de passageiros em veículos ligeiros com condutor), explicada pelo transporte de trabalhadores de/para as produções suberícolas, e com a CAE 851 (serviços de saúde humana).

Note-se, ainda, que a análise das relações intra-sectoriais que o sector da Produção da Cortiça estabelece, permite verificar uma total inexistência de fluxos de compras e vendas dentro do próprio sector.

A jusante, a Produção de Cortiça vende a totalidade da sua produção ao ramo 20 (Indústrias da madeira e da cortiça e suas obras, excepto mobiliário; fabricação de obras de espartaria e de cestaria) - que é, por excelência o canal de escoamento da sua produção, nomeadamente a CAE 20522 (indústria da cortiça).

QUADRO 7-9 :

Sectores Fornecedores e Sectores Clientes da Produção da Cortiça

Actividades a Montante (Sectores Fornecedores)				C O R T I Ç A (P R O D U Ç Ã O)	Actividades a Jusante (Sectores Clientes)	
		Principais Produtos	Peso dos Produtos nas Compras do Ramo 2		Principais Ramos	Peso dos Ramos nas Vendas da Produção de Cortiça
Bens	MP	2325	12,5%		20	100,0%
		0112022	11,9%			
		2322	1,1%			
	FI	2415	1,2%			
		45	1,1%			
		FE	2932			
SCOM	50012		5,7%			
	SSE		748			
		741	7,0%			
64201		3,9%				
6522		1,7%				
553		1,4%				
SC	6024	18,8%				
	6022	3,3%				
	851	1,0%				
Relações Intra-sectoriais (Actividades de Compra)				Relações Intra-sectoriais (Actividades de Venda)		
Principais Produtos		Peso dos Produtos nas Compras do Ramo 2		Principais Ramos		

Fonte: Augusto Mateus & Associados, com base em dados do QRE.

Tendo como universo de referência os produtos que, de acordo com as relações identificadas pelo QRE, se situam a montante da Produção de Cortiça, constata-se que nenhum deles cumpre simultaneamente os três critérios definidos – especialização, relevância regional e relevância nacional – em qualquer das regiões NUTS III do Alentejo. Verifica-se que apenas no caso do Alentejo Litoral existem 3 classes de produtos que cumprem, em simultâneo, dois dos critérios definidos – especialização e relevância regional –, designadamente, o gásóleo combustível (2325)³, a gasolina com chumbo (2322)⁴, que se justificam pela localização da refinaria de Sines, e a classe 0112022 (plantas vivas; sementes de flores e frutos; sementes de produtos hortícolas), que se explicam pelas grandes extensões de montado nesta região.

De salientar também que, somente a CAE 6024 (serviços de transporte rodoviário de mercadorias em veículos especialmente adaptados), cumpre pelo menos um dos critérios nas regiões do Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Alentejo Central, sendo seguida, em termos de grau de abrangência, pelas CAE 2932 (outras máquinas para a agricultura, pecuária e silvicultura) e 0112022 (plantas vivas; sementes de flores e frutos; sementes de produtos hortícolas) – que cumprem um dos critérios nas regiões do Alentejo Central e Baixo Alentejo, no primeiro caso, e Alentejo Litoral e Alentejo Central, no segundo caso.

No que se refere aos ramos, que segundo o QRE, se situam a jusante da Produção de Cortiça, é possível aferir que o único ramo identificado – o ramo 20 (Indústrias da madeira e da cortiça e suas obras, excepto mobiliário; fabricação de obras de espartaria e de cestaria) cumpre dois dos critérios, apenas no Alto Alentejo, e um dos critérios, no Alentejo Central.

³ Recorde-se que a falta de relevância nacional destas actividades se deve apenas ao facto desta indústria ser, claramente, capital intensiva e por isso, não obstante a sua grande importância ao nível nacional quando avaliado o peso em valor, apresenta níveis de emprego relativamente baixos.

⁴ *Idem.*

QUADRO 7-10 :

O Peso dos Produtos a Montante e dos Ramos a Jusante da Produção da Cortiça (% do emprego do sector)

Produtos QRE a Montante (ordem decrescente de importância)		CAE 5d	Alentejo Litoral			Alto Alentejo			Alentejo Central			Baixo Alentejo		
Produtos	Peso (%)		QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País
6024	18,8%	60240	0,6	1,0%	0,0%	0,8	1,3%	0,0%	0,7	1,1%	0,0%	0,4	0,7%	0,0%
2932	14,6%	29320	0,2	0,0%	0,0%	0,8	0,1%	0,0%	2,7	0,3%	0,0%	1,0	0,1%	0,0%
2325	12,5%	23200	31,9	2,7%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
0112022	11,9%	1120	14,3	1,5%	0,0%	0,1	0,0%	0,0%	1,5	0,2%	0,0%	0,9	0,1%	0,0%
748	8,9%	74800	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	26,9	0,1%	0,0%
741	7,0%	74100	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
50012	5,7%	50000	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	42,4	0,1%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
64201	3,9%	64200	0,4	0,3%	0,0%	0,4	0,3%	0,0%	0,5	0,3%	0,0%	0,8	0,6%	0,0%
6022	3,3%	60220	0,5	0,1%	0,0%	0,5	0,1%	0,0%	0,9	0,2%	0,0%	0,4	0,1%	0,0%
6522	1,7%	65220	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
553	1,4%	55300	1,5	0,1%	0,0%	0,3	0,0%	0,0%	0,9	0,0%	0,0%	1,1	0,1%	0,0%
2415	1,2%	24150	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
45	1,1%	45000	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
2322	1,1%	23200	31,9	2,7%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
851	1,0%	85100	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
Ramos QRE a Jusante (ordem decrescente de importância)		Ramos	Alentejo Litoral			Alto Alentejo			Alentejo Central			Baixo Alentejo		
Peso (%)			QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País
20		100,0%	0,8	1,2%	0,0%	1,3	2,0%	0,0%	0,8	1,2%	0,0%	0,4	0,6%	0,0%

Crítérios	Legenda
<ul style="list-style-type: none"> ▪ QL > 1 ▪ Peso do Emprego do Sector na Região ≥ 1% ▪ Peso do Emprego do Sector na Região no Total Nacional ≥ 0,05% 	<ul style="list-style-type: none"> Quando um dos critérios é cumprido. Quando dois dos critérios são cumpridos. Quando os três critérios são cumpridos.

Fonte: Augusto Mateus & Associados, com base em dados do QRE.

O estudo das relações de cadeia de valor que a Cortiça, na sua vertente de Transformação (considerada, para efeito desta análise, como a globalidade do Ramo 20 - Indústrias da madeira e da cortiça e suas obras, excepto mobiliário; fabricação de obras de espartaria e de cestaria) revelam, a montante da sua actividade, com outros sectores (fornecedores), permite aferir a existência de uma intensidade relacional com classes de produtos respeitantes a matérias primas – umas claramente inputs materiais ao processo produtivo, como o 020103 (cortiça natural, em bruto), 0201011 (toros de madeira de resinosas, coníferas), 0201013 (toros de madeira tropical), 0201012 (toros de madeira de folhosas), 0201015 (outra madeira em bruto n.e.); outras de carácter mais energético 40102 (Electricidade, transportada e distribuída, e respectivos serviços) –, as quais representam 38% das compras das actividades de Transformação de Cortiça.

A Transformação da Cortiça relaciona-se, também a montante, com três actividades fornecedoras intermédias – as classes 2462 (colas e gelatinas) e 2521 (chapas, folhas, tubos e perfis de matérias plásticas), que correspondem a acessórios materiais relacionados com a forma como é trabalhada, arranjada e transformada a cortiça, e a classe 45 (trabalhos de construção), que correspondem à construção de armazéns ou edifícios de apoio à actividade transformadora –, as quais são responsáveis por 6% das compras do sector.

Em termos de fornecedores de equipamento, verifica-se, que a Transformação de Cortiça estabelece relações de compras, exclusivamente, com a CAE 294 (máquinas-ferramentas), o mesmo se passando ao nível dos serviços complementares, em relação à CAE 6024. No primeiro caso, estamos perante relações que buscam inputs tecnológicos corporizados em máquinas capazes de trabalhar a cortiça, enquanto no segundo caso, as relações dizem respeito ao transporte dos produtos (entenda-se cortiça), devidamente acondicionados, de um sítio para outro, pertencente ao ciclo produtivo.

Os serviços de suporte empresariais que fornecem inputs à actividade da Transformação de Cortiça dizem, sobretudo, respeito à classe 744 (serviços de publicidade) – ligada à criação de uma imagem e notoriedade dos produtos comercializados, ainda que o seu peso não seja especialmente significativo –, e à classe 6522 (outros serviços de crédito) – ligada a iniciativas de financiamento para aquisição de terrenos, máquinas e equipamentos.

Destaque-se, também, a forte intensidade relacional que se estabelece dentro do próprio sector da transformação da Cortiça (relações intra-sectoriais), com a indústria da cortiça (CAE 20522) a representar 21,4% das compras do sector, sendo seguida, neste domínio, pela CAE 201 (Produtos da serração, do aplainamento e da impregnação da madeira), com 11,3% e pela CAE 202 (folheados, contraplacados, lamelados, painéis de partículas, de fibras e outros painéis), com 4,1%. Em termos de relações intra-sectoriais a jusante, verifica-se que a Transformação da Cortiça efectua 95,2% das vendas ao próprio ramo 20.

Ainda a jusante, mas agora em termos das relações inter-sectoriais que a Transformação da Cortiça manifesta, verificam-se, ainda que com um peso diminuto, relações de mercado com o ramo 45 (trabalhos de construção), fundamentalmente para o isolamento das paredes, e para o ramo 15 (Indústrias alimentares e das bebidas), fundamentalmente enquanto rolhas para as garrafas de vinho.

QUADRO 7-11:

Sectores Fornecedores e Sectores Clientes da Transformação da Cortiça

Actividades a Montante (Sectores Fornecedores)				C O R T I Ç A (T R A N S F O R M A Ç Ã O)	Actividades a Jusante (Sectores Clientes)	
		Principais Produtos	Peso dos Produtos nas Compras do Ramo 20		Principais Ramos	Peso dos Ramos nas Vendas da Transformação de Cortiça
Bens	MP	020103	13,3%		45	1,7
		0201011	10,8%		15	1,6
		0201013	5,3%			
		0201012	5,0%			
		0201015	2,7%			
		40102	1,0%			
	FI	2462	3,6%			
		45	1,3%			
		2521	1,1%			
	FE	294	1,0%			
Serviços	SCOM					
	SSE	744	1,4%			
		6522	1,0%			
	SC	6024	3,2%			
Relações Intra-sectoriais (Actividades de Compra)				Relações Intra-sectoriais (Actividades de Venda)		
Principais Produtos		Peso dos Produtos nas Compras do Ramo 20		Principais Ramos	Peso dos Ramos nas Vendas da Transformação de Cortiça	
20522		21,4%		20	95,2%	
201		11,3%				
202		4,1%				

Fonte: Augusto Mateus & Associados, com base em dados do QRE.

Considerando como contexto de análise os produtos que, de acordo com as relações identificadas pelo QRE, se situam a montante da Transformação de Cortiça, constata-se que nenhum deles cumpre simultaneamente os três critérios definidos – especialização, relevância regional e relevância nacional – em qualquer das regiões NUTS III do Alentejo. Verifica-se ainda que apenas 1 classe de produtos cumpre,

em simultâneo, dois dos critérios definidos – especialização e relevância regional –, designadamente, a indústria da cortiça (20522) no Alto Alentejo. De salientar também que, quer a CAE 6024 (serviços de transporte rodoviário de mercadorias em veículos especialmente adaptados), quer a CAE 40102 (Electricidade, transportada e distribuída, e respectivos serviços) cumprem pelo menos um dos critérios em três das 4 NUTS III alentejanas (Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Alentejo Central), sendo seguidas, em termos de grau de abrangência, pelas CAE 020103 (cortiça natural, em bruto), 0201011 (toros de madeira de resinosas, coníferas), 0201013 (toros de madeira tropical), 0201012 (toros de madeira de folhosas), 0201015 (outra madeira em bruto n.e.) e 744 (serviços de publicidade) – que cumprem um dos critérios nas regiões do Alto Alentejo e Alentejo Central.

No que se refere aos ramos, que segundo o QRE, se situam a jusante da Transformação da Cortiça, é possível verificar que o ramo 45 (trabalhos de construção) cumpre os três critérios para as quatro NUTS III alentejanas, enquanto o ramo 15 (indústrias alimentares e das bebidas), apenas cumprem esses mesmos três critérios em duas NUTS III (Alto Alentejo e Alentejo Central). Finalmente o ramo 20 (Indústrias da madeira e da cortiça e suas obras, excepto mobiliário; fabricação de obras de espartaria e de cestaria) cumpre dois dos critérios, apenas no Alto Alentejo, e um dos critérios, no Alentejo Central.

Este quadro de especialização regional e de predominância das actividades que se relacionam com a Transformação da Cortiça permite concluir que existem, fundamentalmente na região matérias-primas (em bruto) para serem absorvidas e incorporadas pelo processo produtivo da cortiça, mas que carecem, igualmente, de um conjunto de outras actividades de maior valor acrescentado, quer por intermédio da actuação de fornecedores de bens intermédios e equipamentos, quer por intermédio da actuação de empresas prestadoras de serviços de consultoria, ou ainda pela actuação de actividades de I&D.

QUADRO 7-12 :

O Peso dos Produtos a Montante e dos Ramos a Jusante da Transformação da Cortiça (% emprego do sector)

Produtos QRE a Montante (ordem decrescente de importância)		CAE 5d	Alentejo Litoral			Alto Alentejo			Alentejo Central			Baixo Alentejo		
Produtos	Peso (%)		QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País
20522	21,4%	20522	1,0	0,4%	0,0%	2,8	1,2%	0,0%	1,8	0,8%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
020103	13,3%	2010	0,0	0,0%	0,0%	2,1	0,0%	0,0%	1,8	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
201	11,3%	20100	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
0201011	10,8%	2010	0,0	0,0%	0,0%	2,1	0,0%	0,0%	1,8	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
0201013	5,2%	2010	0,0	0,0%	0,0%	2,1	0,0%	0,0%	1,8	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
0201012	5,0%	2010	0,0	0,0%	0,0%	2,1	0,0%	0,0%	1,8	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
202	4,1%	20200	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
2462	3,6%	24620	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
6024	3,2%	60240	0,6	1,0%	0,0%	0,8	1,3%	0,0%	0,7	1,1%	0,0%	0,4	0,7%	0,0%
0201015	2,7%	2010	0,0	0,0%	0,0%	2,1	0,0%	0,0%	1,8	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
744	1,4%	74400	0,0	0,0%	0,0%	6,5	0,1%	0,0%	1,1	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
45	1,3%	45000	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
2521	1,1%	25210	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	6,6	0,3%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
40102	1,0%	40102	0,9	0,3%	0,0%	1,3	0,4%	0,0%	1,1	0,4%	0,0%	2,1	0,7%	0,0%
6522	1,0%	65220	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
294	1,0%	29400	0,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%	21,0	0,0%	0,0%	0,0	0,0%	0,0%
Ramos QRE a Jusante (ordem decrescente de importância)		Ramos	Alentejo Litoral			Alto Alentejo			Alentejo Central			Baixo Alentejo		
	Peso (%)		QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País	QL	Peso na Região	Peso no País
20	95,18%		0,8	1,2%	0,0%	1,3	2,0%	0,0%	0,8	1,2%	0,0%	0,4	0,6%	0,0%
45	1,72%		1,3	17,3%	0,1%	1,0	13,0%	0,1%	1,1	13,7%	0,2%	1,0	13,5%	0,1%
15	1,63%		1,3	4,2%	0,0%	2,5	7,7%	0,1%	1,6	4,9%	0,1%	1,5	4,6%	0,0%

Critérios	Legenda
<ul style="list-style-type: none"> ▪ QL > 1 ▪ Peso do Emprego do Sector na Região ≥ 1% ▪ Peso do Emprego do Sector na Região no Total Nacional ≥ 0,05% 	<ul style="list-style-type: none"> Quando um dos critérios é cumprido. Quando dois dos critérios são cumpridos. Quando os três critérios são cumpridos.

Fonte: Augusto Mateus & Associados, com base em dados do QRE.

7.6. A Inovação no Sector: infraestruturas de suporte e identificação de necessidades competitivas

A nível regional como a nível nacional, a investigação científica e tecnológica específica para a fileira da cortiça não tem a expressão que a importância e o potencial de desenvolvimento do sector corticeiro justificariam. Nas diversas áreas da investigação, seja a nível florestal como da indústria transformadora, regista-se uma generalizada insuficiência de meios humanos, técnicos e materiais e de projectos específicos sobre as questões ligadas aos montados, à produção de cortiça e à sua transformação tecnológica.

Além disso, no campo da procura e oferta científica e tecnológica o problema é agravado pela falta de interacção entre a investigação e as empresas e pela deficiente divulgação de resultados da investigação junto do tecido empresarial.

No que se refere ao Alentejo em particular, é de salientar o seguinte: contrastando com o peso do sector suberícola na região, a oferta científica e tecnológica e de inovação desenvolvida regionalmente é diminuta e centrada em aspectos muito específicos do processo de produção e transformação da cortiça. Este será certamente um aspecto a corrigir no futuro, a acompanhar a deslocação da actividade industrial para o Sul.

Como referido anteriormente, é no entanto de salientar que, em resposta às novas questões e desafios colocados ao sector nos últimos anos, teve lugar recentemente um significativo processo de modernização tecnológica e processual ao nível de algumas empresas, incluindo, nomeadamente, equipamento industrial de desenvolvimento recente e práticas adequadas à higiene e qualidade das matérias primas e produtos.

São de destacar, a este propósito, algumas iniciativas e projectos que têm contribuído para a inovação em toda a fileira, quer a nível florestal, quer a nível da indústria:

Projectos de promoção comercial da cortiça:

- ▶ CORK 2000 (APCOR, ICEP e Direcção-Geral da Indústria; 1999 e seguintes)
- ▶ CIC – Campanha Institucional da Cortiça (idem)

Projectos de promoção da qualidade da cortiça:

- ▶ CIPR – Código Internacional das Práticas Rolheiras
- ▶ SYSTECODE – Sistema de Acreditação das Empresas Rolheiras
- ▶ Código das Boas Práticas dos Espaços Suberícolas (em desenvolvimento)

Projectos de reorganização empresarial e da fileira da cortiça:

- ▶ PRICOR (AIEC; revitalização da indústria do Sul do país, com incidência prioritária na indústria rolheira, integrando verticalmente a indústria preparadora)
- ▶ FIL CORK (organismo interprofissional da fileira)

Projectos de colaboração de IDT entre algumas unidades industriais e laboratórios:

- ▶ Mecanização do processo de extracção de cortiça para produção de aglomerado (“Amorim Isolamentos” e INETI)
- ▶ Melhoria da condutibilidade térmica do aglomerado negro de cortiça (“Amorim Isolamentos”, ISA, IST e Escola Superior de Tecnologia de Setúbal)

São exemplos de inovações dos últimos anos, ao nível de equipamentos:

- ▶ Máquina de Escolha Electrónica Integral de Rolhas de Cortiça
- ▶ Mecanização do processo de descortiçamento
- ▶ Máquinas de Esterilização
- ▶ Caldeira de Cozedura a Vapor
- ▶ Máquina de Rabanear
- ▶ Máquina de Raspar a Cortiça

e ao nível do produto:

- ▶ Rolha técnica
- ▶ Acessórios de moda
- ▶ Aplicações industriais de cortiça aglomerada

São muito diversos os aspectos que, a nível da investigação florestal e da inovação tecnológica do sector corticeiro, oferecem um forte potencial de desenvolvimento, como se exemplifica seguidamente:

Subsector da produção:

- ▶ melhoramento do sobreiro
- ▶ utilização equilibrada do ecossistema do montado
- ▶ controlo das patologias dos povoamentos
- ▶ gestão sustentável do montado
- ▶ métodos de descortiçamento e de remoção da cortiça
- ▶ estudo das características anatómicas e da composição química da cortiça
- ▶ definição de níveis base para a qualidade da cortiça

Subsector da transformação

- ▶ tecnologias para o processamento da cortiça
- ▶ técnicas de aplicação dos produtos da cortiça
- ▶ desenvolvimento de novos produtos
- ▶ processos redutores do impacte ambiental
- ▶ aumento da eco-eficiência
- ▶ trabalhar a utilização da cortiça enquanto fonte de produtos químicos – ceras, ácidos gordos, extractivos aquosos para o fabrico de resinas

Listam-se em seguida as instituições, organismos e entidades públicas, para além de algumas empresas ligadas ao sector, que desenvolvem investigação e inovação tecnológica neste campo.

- ▶ Instituto Superior de Agronomia/UTL Centro de Estudos Florestais
- ▶ INETI Departamento de Tecnologia da Cortiça
- ▶ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
- ▶ Universidade do Minho
- ▶ Universidade de Aveiro
- ▶ Instituto Superior Técnico/UTL Departamento de Materiais
- ▶ Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP)
- ▶ Estação Florestal Nacional
- ▶ Universidade de Évora
- ▶ Escola Superior Agrária de Beja (ESAB)
- ▶ CTCOR – Centro Tecnológico da Cortiça

7.7. Análise SWOT do Sector: Sistematização da situação actual e configuração dos principais desafios

Sendo Portugal o primeiro produtor, transformador e exportador mundial de cortiça, a importância estratégica do sector reflecte-se naturalmente no Alentejo, região onde se concentra a maior área de sobreiro, que aí encontra condições únicas para o seu desenvolvimento. O elevado peso económico-social do sector na região tem-se vindo, de resto, a reforçar graças ao fenómeno de deslocalização da indústria para a zona de produção suberícola.

A excelente adaptação ecológica do sobreiro à região e o conhecimento técnico acerca da sua exploração, acumulado ao longo de décadas, não impediram, no entanto, que uma área significativa dos povoamentos se encontre hoje em situação menos favorável do ponto de vista do seu potencial produtivo, reflectindo um preocupante envelhecimento. A sobre-exploração do montado e as más práticas suberícolas são factores que, em certos casos, contribuem também para pôr em risco a sustentabilidade deste ecossistema. A ausência de uma cultura propícia à inovação e os longos prazos de recuperação do capital a investir no montado não favorecem a desejável correcção destes desequilíbrios do sistema.

Mas as preocupações e fragilidades do sector não se limitam à produção da matéria-prima. Ainda que a cortiça, pelas suas características únicas de produto natural renovável, mantenha, por enquanto, um importante mercado a nível mundial, os produtos sucedâneos emergentes constituem uma séria ameaça à viabilidade de uma fileira excessivamente dependente de um único produto, a rolha, cujas qualidades funcionais começam a ser postas em causa a nível internacional. A necessária aposta na qualidade e na certificação, desde a floresta ao mercado final, pressupõe entretanto uma colaboração entre a produção de matéria-prima e a indústria que nem sempre se tem verificado, em parte devido à tradicional separação geográfica das duas componentes da cadeia.

Nestas circunstâncias, são diversos os desafios com que o sector se defronta presentemente, com vista a assegurar e a fortalecer a sua sustentabilidade. Ao nível da produção da matéria-prima, é prioritário proceder à recuperação do potencial produtivo das áreas de sobreiro, através da difusão e aplicação do conhecimento e das boas práticas suberícolas e de gestão do montado, enquanto ecossistema multifuncional, dependente da intervenção humana. A redução dos custos da matéria-prima e o aumento de eficiência dos processos ao longo da cadeia de valor, nomeadamente através da mecanização de operações culturais, da maior valorização da matéria-prima e da organização da sua oferta regional, constituem igualmente um desafio do qual depende a própria sustentabilidade económica deste subsector.

Relativamente à indústria corticeira, a redução da excessiva dependência de um só produto final do sector parece constituir o primeiro e mais consensual desafio a enfrentar. Através da inovação tecnológica dos produtos existentes e explorando o potencial das novas aplicações da cortiça e das suas combinações com outros materiais, o sector terá de consolidar os seus mercados tradicionais e de aumentar a penetração em novos mercados internacionais. Tal pressupõe a produção e aplicação de conhecimento científico e tecnológico, ao nível dos produtos e processos, mas também a reestruturação do tecido empresarial do sector, a sua organização institucional e a implementação de uma estratégia de

mercado concertada, assente na qualidade, na certificação e na rastreabilidade dos produtos.

A matriz SWOT que seguidamente se apresenta resume as principais oportunidades e ameaças que se colocam ao sector da Cortiça no Alentejo⁵.

Forças	%	Fraquezas	%
• Quota dominante no mercado mundial com experiência consolidada no mercado de exportação	29,9	• Insuficiente investigação sobre a cortiça e baixo nível de inovação ao nível dos produtos	14,7
• Excelente adaptação ecológica do sobreiro à região	22,7	• Excessiva dependência de um único produto (rolha)	10,0
• Conhecimento profundo do sector e das técnicas corticeiras	18,3	• Insuficientes ligações entre o sector e os centros de investigação e tecnologia, dificultando a difusão dos processos industriais da valorização da cortiça	8,9
• Peso económico e social do sector na região	18,0	• Ausência de uma cultura propícia à inovação no subsector da produção de matéria-prima	8,5
• Cortiça como produto natural biológico, renovável e “verde”, associado a um ecossistema sustentável e promotor da biodiversidade	5,7	• Má gestão do montado e uso de práticas suberícolas incorrectas com sobre-exploração dos recursos produtivos	8,0
• Propriedades e características da cortiça/rolha	2,2	• Envelhecimento dos povoamentos de sobreiro	7,7
• Integração completa da fileira nas suas múltiplas vertentes: território, ambiente, mercados, tecnologia, sectores, etc.	1,9	• Insuficiente investigação suberícola	7,5
• Qualidade da cortiça	1,3	• Reduzido nível da formação da mão-de-obra	6,3
		• Insuficiente colaboração entre a produção de matéria-prima e a indústria	5,9
		• Falta de controlo de qualidade e de normalização dos produtos	5,7
		• Reduzida transformação local da matéria-prima	5,3
		• Localização da indústria transformadora longe da produção da matéria-prima com elevados custos de transporte da matéria-prima e produtos intermédios	4,0
		• Impactes ambientais negativos da indústria transformadora	3,0
		• Dimensionamento inadequado das unidades industriais	2,0
		• Elevado tempo de recuperação do capital no investimento no montado	1,3
		• Falta de conhecimentos técnicos nos serviços estatais e de um eficaz serviço de extensão	0,6
		• Fraca extensão de conhecimentos devido à falta de informação	0,6
Total	100	Total	100

⁵ A matriz SWOT do sector foi construída obedecendo aos seguintes passos metodológicos:

- 1- Identificação por parte da equipa de projecto de factores que constituem forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do sector na região;
- 2- Apresentação dos factores identificados aos membros da sessão temática no workshop realizado em 15 de Novembro de 2004;
- 3- Registo de eventuais sugestões sobre os factores apresentados (com possibilidade de introduzir alterações e propor eventuais correcções);
- 4- Ponderação da importância relativa dos diversos factores;
- 5- Análise e tratamento final, por parte da equipa de projecto, dos factores que integram as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do sector na região do Alentejo.

Oportunidades	%	Ameaças	%
• Novas utilizações da cortiça e seus derivados (nomeadamente, produtos mistos, aproveitamento de subprodutos)	11,6	• Emergência de novos produtos alternativos à cortiça (produtos sintéticos), com melhor relação performance preço	42,3
• Investigação e desenvolvimento tecnológico sobre o montado, a cortiça e as suas aplicações	11,5	• Perda da sustentabilidade da produção por excesso de utilização do montado devido à pressão resultante do aumento da comercialização mundial de vinhos	22,0
• Desenvolvimento de campanhas de marketing e imagem para aumento da penetração nos mercados internacionais.	11,1	• Questionamento a nível internacional sobre a qualidade funcional da rolha	20,3
• Requalificação e formação dos Recursos Humanos (mão-de-obra e gestores).	9,7	• Estandarização de características de qualidade do produto inexistente	4,4
• Introdução de sistemas de controlo de qualidade e de certificação	9,5	• Ausência de uma política florestal que incentive a cultura do sobreiro e a protecção do montado e reduza o risco de incêndios	3,5
• Difusão e adopção de boas práticas rolheiras e suberícolas	9,3	• Perda de viabilidade económica do sistema "montado"	1,8
• Aumento do valor acrescentado dos produtos transformados	9,2	• Inexistência de investimento do sector industrial na produção	1,5
• Disponibilidade de áreas livres para a instalação de novos povoamentos e de novas unidades industriais	9,1	• Ausência de uma estratégia integrada para o sector	1,2
• Integração vertical do sector	8	• Falta de investimento em promoção e marketing	1,2
• Deslocalização de unidades produtivas para o Alentejo	7,5	• Ausência de centros de investigação e desenvolvimento (tecnológico) na região	0,6
• Introdução de novas tecnologias de transformação	1,3	• Inexistência de preocupação de formação profissional e ensino	0,6
• Reformulação do ensino superior, nomeadamente o politécnico, orientada para as necessidades específicas do sector da cortiça	1,2	• Desregulação intra-sectorial	0,6
• Aplicação dos resultados de I&D	1		
Total	100	Total	100

No sector da cortiça, e tendo presente a necessidade para a inovação e tecnologia identificadas, a produção e difusão de conhecimento científico e tecnológico terão um papel decisivo no fortalecimento da sustentabilidade de toda a fileira, desde a produção da matéria-prima à sua transformação industrial e comercialização.

Num ambiente de crescente colaboração intra-sectorial, é importante promover, com esse fim, as relações e parcerias entre o sector e os institutos e centros de investigação com especial destaque para as parcerias entre empresas e institutos ou universidades que fomentem o desenvolvimento de tecnologia industrial (ao nível de processos, equipamentos e produtos) e a investigação e desenvolvimento tecnológico no sector florestal (focando a reflorestação e a recuperação do montado, novas técnicas suberícolas e equipamentos).

Complementarmente, o desenvolvimento da capacidade de absorção deste conhecimento (particularmente através do fomento de uma cultura propícia à inovação) e da requalificação e formação dos recursos humanos, capazes de assegurar uma efectiva transferência do conhecimento e das novas tecnologias para as empresas da região, constitui igualmente um factor essencial de sucesso de uma estratégia de desenvolvimento regional assente na inovação.

A adopção de boas práticas suberícolas, a mecanização de algumas operações florestais, a promoção da multifuncionalidade do montado, a inovação tecnológica de processos, equipamentos e produtos na indústria corticeira (complementada com a introdução de sistemas de controlo de qualidade, com a aplicação industrial de patentes e com o desenvolvimento de unidades de demonstração à escala industrial), bem como a formação dos quadros técnicos constituem exemplos de acções para a inovação.

Por último, o fomento da organização institucional do sector e da inter-relação dos *stakeholders* da fileira, como por exemplo, a concertação dos interesses da fileira da cortiça através da criação de uma associação inter-profissional e a constante actualização do quadro legal e fiscal do sector (p.e. estudos e seminários), são fundamentais para uma forte e concertada afirmação nos mercados, como sector de actividade produtor de uma gama diferenciada de produtos de qualidade, capaz de responder às crescentes exigências dos consumidores. A transparência e a padronização, bem como um elevado grau de organização, ao nível da comercialização da matéria-prima, em articulação com a adopção de processos de controlo de qualidade e de certificação ao longo de toda a cadeia, permitirão a afirmação de uma imagem de marca nos mercados dos produtos finais.

